

MEMORIAS

DA

ASSOCIAÇÃO

CULTO A' SCIENCIA.

N.º 5.

S. PAULO. — ABRIL.

1860.

CHRONICA DA ACADEMIA.

Eis-nos de novo em braços com a difficil tarefa de chronista. Se para qualquer pessoa é maçante este trabalho atenta a esterilidade de factos que ordinariamente se dá, muito mais o é para nós, que limitamo-nos ao estreito circulo da nossa academia, onde não póde haver materia para uma verdadeira chronica mensal, como a nossa, a menos que não queiramos muitas vezes escrever quatro ou cinco linhas somente, sobre cousas de nenhuma importancia. Esta é a razão principal por que as minhas chronicas, assim como as dos meus amaveis collegas, tanto deste, como dos outros periodicos, que soffrem do mesmo mal, não merecem este nome, não estão comprehendidas na definição que se costuma dar a esta palavra.

Outra razão não muito menos valiosa que os leva a divagar de ordinario em narrações desta ordem, é sem duvida esse fogo de imaginação de joven que abraza a muitos, mas que todos julgam sentir.

Ora, quando elle é real, tudo desculpa o leitor, porque ahi reconhece o typo do genio, esquece-se de chronica, julga antes estar lendo um bello trecho da lavra de algum grande litterato, de Lamartine, por exemplo, de Victor Hugo ou Byron, que a moda fez sobresahir a todos; mas se é illusorio ou fatuo, como no caso vertente, não sahem senão asneiras como mascaradas de litteratura, que fornecem ao leitor materia basta para

um grande processo, ainda que elle não entenda da *chicana* dos nossos criticos que por sua vez tambem hão de responder pela usurpação que fizeram deste nome. E pois que não é por modestia que o digo, vou abandonar as minhas pretensões ao Parnazo, que prendia escalar agora, para cingir-me á materia, o que faço não tanto por causa do publico em geral (porque elle já não estranha os abusos), mas porque não estou disposto a entrar nesses libellos que se fórma cá pela nossa academia contra algum coitado, como eu, pelo facto bem natural de dar expansão a *vis scribendi*. Em todo o caso sempre é triste a minha condição, porque se me livro assim de uma pena maior, nem por isso deixo de ficar incurso nos artigos do seu codigo, severo o mais que é possivel contra quem não é, como eu, irmão de mesa, nem lhes foi pedir provisão. Mas, como sempre se deve escolher de dous males o menor, segundo o bem reconhecido rifeão, visto como hei de ser forçosamente castigado, entro já em materia, sujeitando-me á pena mais leve em consequencia de lhes ferir, por exemplo, os delicados ouvidos, que não podem soffrer o som duro de um innocente cacophaton, de uma phrase que não é soprada pelas brisas, humedecida pelo sereno da manhã, aquecida depois aos primeiros raios de Phæbo!

Mas, antes de lhes fazer a vontade, desejo saber se elles têm ou não direito de accusar-me por taes delictos uma vez que tenho vontade, liberdade, typogra-

phia ás ordens, sem invadir a *esphera*, nem lesar os direitos d'um terceiro. Convencido do contrario, ainda irei mais longe, procurarei saber se são os competentes juizes, se acham-se ou não revestidos da competente autoridade; questão esta que estou prompto a discutir, ainda que seja com penna de *outram*. Consentirei finalmente em ser castigado, mas não quero que passem despercebidas as suas injustiças, suas incapacidades, finalmente que não se conheça o direito somente em theoria, como alguns dos nossos *patriotas* quando ouvem o eloquente tinir da moeda. E pois, que já me deram lugar á digressão, cumpre-me entrar em materia para cumprir a promessa que fiz, pelo que irei narrando o que sahir ao correr da penna seja embora repetição; ainda que offenda a certas susceptibilidades, o amor proprio de uns, o orgulho phosphorico de outros; que pareça finalmente bajulador ou parcial aos olhos dos descontentes. Não serei eu que hei de possuir a arte de agradar a todos, o que nem Jesus Christo conseguiu, nem agradar é o fim deste meu artigo, como de nenhum dos outros.

—A primeira noticia, pois, que tenho a dar, é tão alegre, como conveniente aos nossos leitores. Pelo nosso regulamento, tem de passar a chronica do mez seguinte as mãos d'um nosso collega, o muito distincto secretario da redacção, que mais d'uma vez os tem mimoseado com agradaveis e bem elaborados artigos.

E pois, que hão de ficar bem compensadas da maçada que lhes dou, por isso que hão de lêr as bellas phrases d'um poeta e pintor insigne, que, como tal, assiste ao cortejo das musas, inspirando-se no delicioso balsamo que ellas derramam, tenham paciencia de ouvir agora o prosaismo duro, o portuguez de Ordenações d'um engeitado dessa familia que se vende tão cara.

E já que anciosos esperam que eu entre no velho convento de S. Francisco, esse outr'ora theatro de hypocrisia e d'uma bem desenvolvida gastronomia no que prima a boa da nossa gente fra-

desca, direi, a meu pezar, que ella (Academia) lamenta a morte de cinco filhos que perdeu este anno, entre os quaes o quart'annista B. Augusto de Oliveira, que reunia á uma intelligencia robusta as mais bellas qualidades moraes. A' parte o véo que cobre essa scena luttuosa e triste, vejamos o que mais ali se encontra digno de ser mencionado.

—As aulas que abriram-se no dia 16 do passado, em consequencia de ser feriado o dia antecedente, são todas frequentadas por grande numero de alumnos, tanto nas aulas maiores, como nas de preparatorios. Os exames deste anno, que para estes não correram muito bem, pois que muitos foram os derrotados em suas pretensões ao gráo que aspiravam, foram talvez a causa de augmentar-se o numero nas aulas da Faculdade até aquí quasi desertas, porque todos affluem para os collegios na esperanza de obterem mais depressa a desejada matricula. Essa esperanza, felizmente, se vai desvanecendo, já os candidatos ao curso juridico reconhecem que a sua approvação não depende de lugar, mas d'um estudo regular, mais livre, embora feito aqui ou ali, porque o saber nunca foi monopolio....

—As lições que têm apparecido, pela maior parte (ao menos no anno a que tenho a honra de pertencer), não deixam nada a desejar aos lentes; a menos que não quizessem exigir de nós o que elles nunca fizeram: não é opinião minha, que não é da melhor nota na materia, nem de certos sabios da Grecia que as julgam pelo metal da voz, pelas citações, ainda que em falso, de Savigny, Kant, Chauveau, Proudhon, De Gerando, Bentham, Cousin, Foucart e tantos outros nomes que não me occorrem, principalmente daquelles que têm uma desinençia ingleza, allemã ou russa, mas de gente que merece muita consideração entre nós. Se é falso, a minha mentira leva ao menos o cunho da autoridade que em certos casos tambem eu não admitto, seja embora de alto cothurno. Isto prova a grande intelligencia e applicação da mocidade; solemne desmentido ao juizo erroneo que ainda formam della aquel-

les que desconhecem a sua marcha. A mocidade, intelligente como é, sabe comprehender os seus deveres, não precisa de ferrão, nem quer ser anivelada, ao deixar estes bancos, a esse pretencioso *charlatanismo* que pretende tomar os foros de sciencia!

Ella prepara-se corajosa para a guerra defensiva que tem de sustentar contra essa alcatea que tudo invade, qual hoste satanica de Milton percorrendo a extensão do orbe. E' tempo de demolir-se o pandimonio que levantaram, de quebrar-se o predominio desses impavesados grous, que deixam muitas vezes o martello de ferreiro, o laço do peão para tomar a toga honrosa do jurisconsulto, do magistrado, afim de decidirem, como um ephoro de Esparta, das mais complicadas e mais graves questões de direito! Não se conclua daqui que nós só queremos dar sciencia, capacidade aos homens de pergaminho, e que desconhecemos que elle mais envergonha do que honra a muitos que o conquistaram.

Não argumentamos com abusos, nem as excepções formam as regras, mas pelo contrario as confirmam. Esse escandalo filho da primitiva educação do paiz, autorisado em parte pelo proprio governo, não cessará senão pelo imperio da sciencia, esse imperio que a mocidade pretende erguer sobre o altivo collo que o charlatanismo levanta, principalmente na medicina que, no nosso paiz, se presta aos mais escandalosos abusos de superstição e de impostura, vergonha lançada á face d'um povo civilisado.

—Que a mocidade trabalha, que aproveita muito bem o seu tempo, como ha pouco dizia, é uma verdade que não entra mais em materia de duvida. Ahi estão para confirma-lo, além das aulas, as immensas associações litteraes, entre as quaes o Ensaio, o Atheneu, o Culto á Sciencia, o Instituto, sufficientemente concorridas nas horas que lhe restam para o descanso dos pesados trabalhos das aulas.

E como poder-se-hia manter semelhantes instituições, que acarretam tanta despeza e trabalhos tão pesados, se a mocidade academica não tivesse, em ge-

ral, decidida inclinação ao estudo, se em seu peito não nutrisse a nobre ambição da gloria? Ahi está a tribuna onde se ensaiam os futuros parlamentares, os oradores da patria nas complicadas theses da sciencia: fóra dellas, os immensos jornaes que publicam, pois que ella está sobremaneira convencida de que a tribuna e a imprensa, de mãos dadas, hão de mudar a face das nossas cousas, porque felizmente as questões politicas se decidem hoje mais pela diplomacia, do que pela espada nos campos de batalha.

—Cumpre tambem não esquecer, pois que tratamos de jornaes, as obras avulsas que quasi sempre apparecem; trabalhos estes que, se não são perfeitos, revellam ao menos o talento, a dedicação dos seus autores, que mais tarde attingirão o fim que almejam. Esse enthusiasmo, que legaram á nossa Academia os Alvares de Azevedo, Felix da Cunha, Bocayuva, José Bonifacio, Lopes, Marcondes, Cortines, Magalhães e tantos outros moços distinctos que estão recebendo talvez a costumada recompensa do trabalho, não se arrefecerá por certo, porque essa idéa se transmittio aos novos apóstolos que os succederam, porque o grito de animação ha de sempre encontrar écho na mocidade brasileira.

—Vão em breve sahir á luz, para o que já se acham no prelo os diversos jornaes das associações, assim como mais um, de que são collaboradores os srs. Santiago, A. Lobo, etc., além de algumas outras obras avulsas, entre as quaes os Guayanazes, romance historico sobre a fundação de S. Paulo, da penna do sr. Couto Magalhães, já bastante conhecido no nosso mundo litterario.

Nada mais é preciso para recomendar esta pequena obra do que o nome do seu autor, e o bello e interessante assumpto que elle escolhêra.

Nella recorda o autor, com côres de romance, uma pagina interessante da nossa historia-patria, tirando do olvido esse povo de bravos, esses heroes de nossas selvas, dignos sem duvida d'uma sorte melhor.... Cremos, portanto, com bom fundamento, que não será este

anno, por esta parte, menos animado que o precedente « um dos annos memoraveis nos faustos litterarios da Academia de S. Paulo », como muito bem disse em sua chronica o sr. Florencio, nosso distincto collega. Quanto á vida interna das associações, não devemos tambem formar outro juizo, se bem que ainda não encetaram propriamente os seus trabalhos porque ainda estão em sessões preparatorias. O Instituto Academico, do qual já tive occasião de falar no primeiro numero deste jornal, elegeu em sua primeira sessão os funcionarios geraes e particulares que hão de servir este anno, sendo escolhido presidente honorario o sr. dr. José Bonifacio, e effectivo o sr. R. Freitas.

Em dias do mez passado celebrou elle a sessão de abertura e posse, com as solemnidades do estylo, e foi assaz concorrida por academicos de todos os annos. Esta associação, que tem prosseguido com felicidade em sua marcha, promette este anno uma vida ainda mais animada.

A criação d'um jornal ha muito tempo reclamada, mas que só póde realizar este anno, vem lhe prestar relevantes serviços, assim como a toda Academia, porque a todos são franqueados as suas columnas que se prestam a fins muito mais amplos, accrescendo além disso o ser redigido por pessoas de reconhecidas habilitações. E' muito grande o fim que presidio a criação desta sociedade, mas não duvidamos que ella o consiga, porque tem á sua frente o sr. dr. José Tell Ferrão, seu protector, homem verdadeiramente dedicado á causa das letras e um verdadeiro amigo da mocidade, pois não poupa sacrificios para ajuda-la em seus trabalhos.

Oxalá que elle possa realizar o seu nobre empenho e que o seu exemplo seja imitado pela geração presente, de quem e só de quem a patria espera.

S. Paulo, 10 de Abril de 1860.

Maximiano Bueno.

PARECER.

Existe um direito ao trabalho, segundo a Legislação Natural, como pretendem alguns philosophos?

A união produz a vida; o progresso faz a humanidade, diz um escriptor contemporaneo.

Percorrei os reinos da criação, ainda que inanimados, que confirmareis a veracidade desta these. No reino hominal esta lei da criação se traduz por intermedio do principio sympathico que o Creator gravou no coração do homem, porém desta mutua união de seres resultaria o chãos se não houvesse nma linha divisoria que traçasse os limites dentro dos quaes só podia exercer livremente a actividade de cada um.

A' idéa de dous homens collocados um em frente do outro liga-se intimamente a desta linha invisivel, pois do contrario dar-se-hia o choque das liberdades, d'onde resultaria o aniquilamento de umas por outras: é assim que perfeitamente Kant comprehendeu a idéa do direito.

O direito acompanha ao homem em todas as evoluções de sua vida, e sua esphera é tão ampla como a da vida, e desta intima ligação vem dizer Lermnier— que o direito é a vida, não obstante ter elle perfeitamente comprehendido que são duas cousas mui distinctas.

Toda e qualquer acção que o homem pratica é justa desde que ella se acha circumscripta dentro desta linha invisivel, e sem receio póde repellir a qualquer que transpuzer os seus limites.

Desta maneira comprehendido o direito, entremos em materia e examinemos se dentro desta linha traçada pela natureza, encontramos o direito ao trabalho occupando a cathegoria de um direito natural.

Thiercelin, contrariando as idéas de Krauser e outros, sustenta que não existe o pretendido direito ao trabalho, segundo a Legislação Natural, que elle poderá existir porém como o resultado de uma convenção, de um contracto; para o que elle analysa os diversos systemas que pre-

tendem fundamentar o direito ao trabalho em um principio solido e inabalavel.

Analysa em primeiro lugar a opinião daquelles que pretendem fundamentar o direito ao trabalho em o principio de fraternidade, recommendado pelo Evangelho e mostra-nos que é confundir duas cousas mui distinctas.

Invoca a doutrina de Krauser que fundamenta o direito ao trabalho em a faculdade que tem todo o homem de exigir de seus semelhantes as cousas necessarias para o cumprimento de seu destino, e diz-nos que o Creator separou completamente o destino de um do destino de todos, e que por isso é inadmissel tal doutrina. Chama á discussão um terceiro systema—daquelles que pretendem fundamentar o direito ao trabalho no direito que tem todo o homem de viver; e apresentando as razões que o levam a rejeitar semelhante doutrina, diz-nos elle que é incontestavel que todo o homem tem o direito de viver, mas que este direito não traz consigo as consequencias que se pretende tirar—que o homem só o pôde pôr em vigor quando um aggressor ataca injustamente sua vida—quando sua liberdade é extremamente ameaçada.

Tendo lançado uma vista rapida sobre os tres primeiros systemas, elle não deixou passar em silencio a opinião de Considerant, que não deixa de occupar um lugar muito importante nesta materia.

Considerant procurando fundamentar o direito ao trabalho em um principio fixo, affirma-nos que o trabalho só por si não é um direito, porém continúa elle dizendo—a especie humana é usufructuaria da superficie do globo, e todo o homem tem parte neste usufructo commum, mas como o fundo acha-se occupado por uns com exclusão dos outros, e a equação mathematica sendo impossivel neste caso, ao menos que a humanidade não torne ao estado selvagem; daqui, diz elle, vem a necessidade de reconhecer á aquelles que se acham desherdados o direito ao trabalho.

Thiercelin, depois de ter combatido esta opinião, conclue a não existencia do direito ao trabalho, segundo a Legislação Natural.

Examinando a materia como nos foi possivel, propendemos a sustentar a doutrina do sr. Ahrens, isto é—que o trabalho occupa a cathegoria de um direito natural.

Não pensando com alguns philosophos que o trabalho seja uma degradação da natureza humana, mas um resultado da elevação da personalidade, porquanto é por meio d'elle que o homem se assemelha ao infinito, tornando-se creador no mundo physico e intellectual, como se exprime o mesmo autor, iremos buscar seu fundamento, não no Evangelho, como querem uns, nem no usufructo da superficie da terra, como querem outros, mas em uma necessidade da personalidade humana—fonte de todo o direito.

Os philosophos da antiguidade desconhecendo a verdadeira fonte do direito natural, iam buscar a sua origem, uns n'um estudo ficticio, outros em fragmentos esparsos da historia, e assim continuaram até que appareceu a escola de Bentham, que descobrio qual a fonte em que se devia buscar o direito natural, porém foi infeliz em seu estudo psychologico, visto ter mutilado a natureza humana.

E' dahi que data o progresso da sciencia do direito natural.

Em nosso seculo o sr. Ahrens veio completar o estudo desta sciencia importantissima, tarefa emprehendida nos tempos anteriores pelos mais habéis philosophos. Este mestre affirma-nos que ao estudo do direito deve preceder uma analyse profunda da natureza humana, por que o direito é a norma de suas acções. Assim pois vejamos se da analyse desta podemos concluir a existencia do direito ao trabalho.

Que o trabalho tem seu fundamento em uma necessidade da personalidade humana, é um facto bem conhecido, mesmo por aquelles que menos se têm applicado ao estudo do direito natural; pois tendo o Creator feito o homem de tal sorte que um instante elle não poderia subsistir sem a propriedade, *ipso facto*, imprimio em sua personalidade o sello do trabalho, pois não comprehendemos propriedade sem o trabalho.

O homem, diz-nos o sr. Cousin, é um ser essencialmente productor, e o producto é um resultado do trabalho. Cegos por esta verdade, muitos escriptores têm pretendido fundamentar o direito de propriedade tão sómente no trabalho. Verdade é que sem o trabalho não existe propriedade, mas não é este o verdadeiro fundamento da propriedade, porque o proprio trabalho suppõe uma vontade livre que se determine, uma personalidade; porém o que podemos affirmar é que sem trabalho não ha propriedade. Poder-se-ha dizer-nos: « Nada tendes feito, pois provastes apenas que o trabalho é uma condição *sine qua* não pôde haver propriedade, e de maneira alguma podeis concluir que o trabalho é um direito, por isso que a força é tambem uma condição indispensavel para a existencia de qualquer direito, como perfeitamente demonstra Ancillon, e no entretanto a força não é direito. » Ao que responderemos, que a força é apenas um elemento que garante o exercicio do direito no mundo exterior, que o direito em si existe independentemente da força, ao passo que o direito ao trabalho é uma condição que se acha intimamente ligada á natureza humana, sem elle nada de propriedade, onde não ha propriedade não ha personalidade, onde não ha personalidade não ha liberdade, e onde não ha liberdade não ha existencia.

A negação do direito ao trabalho traz consigo a destruição da personalidade humana, e portanto de todos os direitos naturaes. Desde que o homem lança as vistas sobre a periodica marcha de sua vida e observa que todo este longo curso é uma luta continua do espirito contra a materia, e da liberdade contra a fatalidade, como nos diz Michelet, não pôde de maneira alguma desconhecer que esta continua luta é um resultado da contingencia da natureza humana, e por isso uma necessidade da mesma natureza. Deixando por um instante a razão, vamos achar na Escriptura a consagração desta verdade; é assim que a Divindade irritada pelos peccados de nossos primeiros pais condemnou-os a comer o pão com o suor de seu rosto.

Sendo o trabalho uma necessidade da personalidade humana, como temos demonstrado; é fóra de duvida que elle acha-se na cathogoria dos direitos naturaes, porquanto além de ser uma necessidade da mesma personalidade, é um principio concebido pela razão, um principio que se conforma com a razão de todos, e que cada um lê em si; por isso muito bem diz o sr. Áhrens: « Todo o homem tem o direito ao trabalho, porque o trabalho é o unico meio de desenvolvimento da natureza humana. »

Chegado ao ponto por nós almejado, trata-se de saber qual a obrigação correspondente a este direito.

Nem o individuo, nem o estado é obrigado a fornecer a outrem os objectos do trabalho, pois desta maneira iam os cahir incontestavelmente no socialismo; mas a obrigação que deve corresponder a este direito é uma obrigação negativa, visto que o direito ao trabalho é um direito absoluto, e portanto só se exige de terceiro o não embaraço do exercicio deste direito (quando elle é legitimo), e é este justamente o pensamento do sr. Ahrens quando nos diz: « Não ha da parte do individuo um direito ao trabalho relativamente ao Estado, no sentido que o Estado deve fornecer a todo o homem os objectos do trabalho, uma semelhante administração do trabalho, continúa elle, conduziria ao despotismo mais absoluto; o Estado deve apenas facilitar o trabalho. »

E' pois incontestavel que o direito ao trabalho é tão sagrado, como todos os direitos que a natureza deu ao homem; e assim como não podemos conceber a personalidade humana sem a liberdade, assim tambem não a podemos conceber sem a faculdade de produzir.

Assim pois julgamos que desaparece a difficuldade que Thiercelin acha insolúvel ácerca do fornecimento do objecto do trabalho.

S. Paulo, 22 de Agosto de 1859.

C.

AS LETTRAS, SCIENCIAS, E ARTES NO BRAZIL.

I.

O Brazil dormia innocente no regaço da natureza esplendida, embalado aos hymnos de seus plumiferos cantores, e os seus habitantes vagavam ainda nas magnificas mattas livres das vaidades mundanas, quando um dia viram pisar em sua terra gente extranha: eram os gloriosos portuguezes! O seu pavilhão tremulava já ufano á vista das alvejan-tes praias. Logo depois a Cruz que no Calvario fôra alçada para salvação da humanidade, era aqui alçada para civili-sação das selvagens hordas.

A voz dos ministros de Deus, que na mata diante da imagem sagrada do Redemptor da humanidade elevava aos Céos sagrados hymnos de reconhecimen-to, ía repercutir lá nas montanhas como mensageiro da triste nova e a fresca brisa movendo as folhas das gigantescas arvores, subia sibilando aos Céos como um gemido triste de um povo livre=melancolicas apprehensões da sua futu-ra escravidão!...

O Brazil foi um mimo offertado pela Providencia á Portugal, foi a vontade de Deos que o fez surgir do esqueci-mento para gloria do christianismo, para triumpho de suas verdades. Sim: quan-tas vezes aqui as palavras do pobre monge não ofluscaram o brilho das es-padas?!

Os apóstolos do christianismo pene-trando nos sertões, tendo por alma a pa-lavra, por escudo a imagem de Christo, propagavam a fé e chamavam os nossos irmãos ao seio da igreja e da sociedade; entretanto o avido colono insaciavel de riquezas, tendo por crenças o interesse, e por idolo o ouro, com o sabre em punho escravizava o pobre indigena, ou o obrigava a andar errante longe de seus queridos lares; entretanto o afri-cano, livre em sua patria, era della ar-rancado e vendido na nossa!

A escravidão e a desgraça pesavam sobre estas pobres raças. Que brilhan-

te futuro para o jovem paiz que dis-putava da barbaria! Ainda hoje sof-fremos as consequencias desse erro in-desculpavel de nossos pais, ainda hoje as consequencias pesam sobre o nosso destino como uma mão de ferro.

Ah! Portugal, Portugal muito mal cumpriste a missão de que incumbio-te a Providencia! Com escravidão, des-prezo e tyrannia, recompensaste sempre o bom acolhimento que tiveste; mas a Providencia que sempre vela sobre os destinos dos imperios, tinha de te cas-tigar em algum dia, e felizmente esse dia chegou! O seu encarregado foi o valente soldado da Corsega, o filho da liberdade. Lá mesmo na tua nesga de terra chegou o vôo das aguias do ven-cedor de Marengo e de Austerlitz, que com o adejo veloz das azas fez estreme-cer até os alicerces o vetusto throno da monarchia portugueza, que foragida veio buscar asylo nesta parte do Atlantico.

É bem triste este periodo da nossa historia: por toda a parte a ignorancia, a tyrannia, o vicio e a desmedida ambi-ção do ouro! Era impossivel que as lettras, sciencias e artes medrassem, porque a ignorancia e o despotismo mir-ravam a intelligencia. (1) Em vão al-gumas associações litterarias se crearam, em vão alguns jornaes se publicaram!. o dia da inauguração era a vespera da queda, ou pelo indifferentismo dos con-cidadãos, que só cuidavam em empre-gar todos os meios (muitas vezes vís) (2) para ganhar dinheiro, ou pelas sus-peitas do poder despotico. Para gloria nossa é preciso confessarmos que mui-tos homens illustres appareceram, mas uns findaram seus dias sobre os patibu-los regando com sangue innocente o só-lo virgem da patria, outros sobre ás fo-gueiras, outros nos ardentes areas da Africa e outros nas masmorras; e se alguns brilharam nessa epocha, foi por que tiveram a metrópoli por theatro de

(1) Todos sabem que a inquisição, esse tri-bunal profanador das grandes do christianis-mo, peava completamente a intelligencia, e que o governo absoluto, com medo da divulgação das ideias liberaes concorria para isso.

(2) O trafico de africanos.

suas glorias. Essa pleiade brilhante de homens illustres que então appareceu depõe muito a favor do talento dos brasileiros.

II.

Em 19 de Janeiro de 1808, o Brazil recebeu em seu seio a monarchia portugueza, a 28, deu-se o primeiro passo para o seu engrandecimento, e mesmo para a sua independencia. (3) A 7 de Março do mesmo anno a cidade do Rio de Janeiro acolheo com entusiasticas saudações os augustos fugitivos, que nella vieram occultar as reliquias da realza que um principe beato, paltrão e pusilanime não soubéra sustentar diante dos generaes do homem destinado pela Providencia para ensinar aos povos, que os reis cuidam mais dos seus interesses dynasticos do que dos interesses daquelles de quem elles e seus aduladores dizem ser o bom pae, o fiel deffensor, e quantos titulos pomposos existem na linguagem do servilismo.

Com a chegada da familia real, o jovem paiz deixou os andrajos de escravo, para tomar a purpura de potentado e soberano: a antiga colonia tornou-se, graças á Bonaparte a séde da realza; trocaram-se os papeis!... o paiz que até esta epocha vivêra debaixo da mais crassa ignorancia, avista ainda que ao longe o horisonte purpurino e bello da civilização, e o dedo da Providencia apontando o seu glorioso futuro entre as nações potentes do globo!..

Sim, no estado em que se achava o paiz, a chegada da familia real foi uma felicidade, porque com ella vieram muitos homens illustres pelas sciencias, pelas artes, e pelas letras, e além disto a imprensa, essa invenção divina que immortalisou Guttemberg, immortalisando tambem a humanidade: a abertura dos nossos portos as nações civilizadas; a propagação da instrucção publica, deram as luzes que os brasileiros souberam aproveitar para afugentar as tre-

vas que os cegavam no profundo antro do despotismo, e mais tarde saccudir o jugo pesado.

Foi neste periodo de nossa historia colonial que graças ao distincto estadista Conde de Linhares o governo deu alguma protecção ás sciencias, ás artes e ás letras, porque além de outras medidas importantes, podemos mencionar a permissão de typographias, a abertura da bibliotheca real, as creações de uma academia militar, uma de cirurgia, uma de marinha e logo depois uma de bellas artes, promettendo-se premiar aos artistas estrangeiros que quizessem vir se inspirar no nosso lindo paiz, esse paraíso do pensamento no dizer de um escriptor.

Em 1815 o Brazil teve as honras de reino unido a Portugal e Algarves, e as letras, sciencias e artes, continuaram a ser protegidas, mas o terreno era novo, não estava bem preparado, e por isso as sementes ali lançadas não puderam brotar viçosamente, porque além do despotismo que ainda existia, acompanhado sempre da desconfiança de todos os altos vãos da imaginação, superabundava ainda a ignorancia do povo, e a indifferença com que nós e nossos paes olhamos para tudo que é grande, nobre e sublime de nossos compatriotas: dos portuguezes de outr'ora, que começavam a degenerar temos para exemplo o grande Camões que morreu em um hospital, bem feliz ao menos por não assistir ao baque estrondoso de sua patria.

Para exemplo da epocha de que tratamos, temos São Carlos, o grande São Carlos! uma de nossas maiores glorias na tribuna sagrada, esse digno emulo de Monte Alverne, que fazia retumbar as abobadas dos templos com sua palavra mystica, abatendo o vicio e exaltando a virtude. Sim: é elle mesmo quem nos diz no seu poema que com quanto tenha alguns defeitos, é com tudo um monumento litterario digno de nosso estudo e attenção: elle nos diz:

(3) Decreto da abertura dos portos.

— «Aquelles mesmos que nos meus suores
«Deveriam ter parte, são peiores.
«Surdos se tem mostrado e indifferentes
«A tão nobres vigalias... Vê que gentes,
«Que estima pelas musas, que alto brio
«Produz de teu Janeiro o illustre Rio.» —

(CAP. 8.º PAG. 211).

Nem era de esperar outra cousa no meio de um povo indifferente e ignorante, e de uma cõrte estúpida, beata, sem feitos e sem glorias. A verdadeira nobresa, — a da intelligencia, a daquelle que a alcança pelo seu merito, é odiada e conspueada por esses vermes, que respirando na atmosfera da lisonja e da mentira, vivem rastejantes nas lamas putridas dos palacios.

III.

Prosigamos no desenvolvimento do paiz e vejamos qual a occasião opportuna para a propagação das sciencias, artes e lettras.

Terminado o grande drama que principiou com Mirabeau na tribuna e acabou com Waterloo quando «dous astros ao occaso caminhavam» pacificada a Europa aparentemente, e já encadeado em Santa Helena o assombro das carunchosas monarchias, todas as nações procuram garantir os seus sagrados direitos e dictar os seus reis o pacto fundamental de seus deveres reciprocos.

Portugal despertou os seus brios de nação, e lembrou-se de que era tempo de tambem gosar dos fructos da grande revolução, que custara tantas dores, tanto sangue e tanta innocencia immolada ao furor do povo contra a monarchia do absurdo direito divino!... Em 1820 rebentou no Porto a revolução que tinha por fim dar uma constituição a nação e chamar o rei á Europa.

Se até agora tivémos de luctar com o despotismo, com a ignorancia do povo e com a falta de meios, de agora em diante temos de encontrar mais um inimigo no nosso caminhar historico apóz do desenvolvimento das sciencias, lettras e artes, esse inimigo é a politica. Com quanto todos considerem a politica

muito prejudicial ao seu desenvolvimento, com tudo na epocha de que tratamos não havia remedio senão seguir o impulso das necessidades e correr a preparar a futura libertação da patria. Desta epocha em diante principiou ella a occupar todos os talentos que appareceram no paiz. Os brasileiros trabalharam com grande exforço para mandar a Portugal os representantes fieis de suas ideias porque elles já desconfiavam das pretensões da metropoli.

Finalmente depois de algumas ameaças das cõrtes, embarcou-se João VI com toda a sua comitiva, tendo deixado como seu Lugar-Tenente e Regente, seu filho Pedro. Chegando João VI a Portugal, as cõrtes quizeram retroceder a seu antigo systema de escravisar o Brazil, mas impresa van! Todos os representantes brasileiros abandonando a cõrte depois de combaterem com honra e gloria na tribuna e na imprensa, algumas vezes entre apupadas e punhaes, os brasileiros viram que o unico recurso que lhes restava era pegar em armas, correr ao campo da batalha e pelejar pela honra e pela independencia de sua patria. Ou ser livre ou morrer escravo no campo da batalha!... eis o grito que resouu por toda a parte. Um principe, homem proprio para as acções heroicas, tendo por conselheiro dous virtuosos brasileiros, rivaes dos Solons e Catões, nos campos do Ypiranga a 7 de Setembro de 1822, sanctificou no altar da patria o culto da liberdade que já custára bastantes martyres. Durante este periodo, que decorre da revolução do Porto até aqui, nenhum progresso fizemos; pelo contrario retrocedemos, por que as cõrtes arrancavam-nos tudo quanto tinhamos de bom; nelle só uma ideia grandiosa domina em todas as intelligencias, e enthusiasma todos os corações, é a liberdade.

IV.

Em 1822 o Brazil tornou-se independente de Portugal, de Portugal velho, caduco, tremulo e vacilante que em seus enfraquecidos braços pretendia

ainda sustentar o gigante forte, cheio de mocidade e de vida.

Oh incoherencia dos homens, quando Portugal pedia para si a liberdade, davamos a escravidão! Não; Portugal procedendo assim tinha razão, porque só tinha em vista nos arrancar o rei e subjugar ao duro captiveiro de outr'ora (4).

Sendo o Brazil uma nação independente e livre, foi necessario constituir-se como tal, assentar sobre bases solidas as suas instituições. Uma constituinte foi convocada, nellas entraram todas as esperanças dos brasileiros, mas quando mal se esperava, o jovem principe educado no absolutismo, intimidou-se com linguagem da franquesa e da verdade, fallada na tribuna pelos verdadeiros representantes do povo, munidos de poderes discricionarios, e illegalmente a dissolveu por meio da força armada. Imprudentemente calcado aos pés o primeiro acto da nossa soberania, lança no desterro os grandes luseiros da patria! A consternação e desconfiança lavram por toda a parte: estão lançados os primeiros germens da revolução de 7 de Abril. O paiz continua neste estado de apathia, de odio, e de duvida, e bem pouco se faz para a instrucção do povo. Este periodo ainda é bem triste, pouco desenvolvimento tiveram as sciencias lettras e artes.

Pedro vendo que uma grande explosão se preparava no paiz, temeu e jurou em 25 de Março de 1824 a constituição que fôra feita pela commissão da constituinte, e que elle adoptou com algumas modificações. Ella nos garantio a instrucção por meio de universidades e collegios, mas só dous annos depois é que foram creados os cursos juridicos e as academias de medicina.

A nação caminhava assim no meio de um murmurio surdo que é sempre o nuncio das grandes revoluções, até que a ideia acalentada nas regiões da intelligencia teve a sua applicação no mundo

(4) Respeitamos as intenções puras dos patriotas de 1820, dos grandes motores da revolução do Porto, mas nem sempre aos motores das revoluções é dado contel-as nas modificações do seu caminhar.

exterior. A nação guiada por dois illustres filhos, levantou-se activa e consciencia de seus direitos para adquirir sua nacionalidade ha muito abatida pela influencia estrangeira.

Napoleão já havia nos ensinado que um povo quando combate defendendo a sua nacionalidade, é forte. Sim, os povos combatendo contra Napoleão até derrotal-o, nesses combates gigantescos, sustentados contra o Genio das batalhas, não era o amor á realeza que dava animo aos exercitos, era a sua nacionalidade que cada um delles deffendia.

O *Sette de Abril* foi o protesto ameaçador do povo brasileiro que reivindicava os seus direitos e a sua nacionalidade. Embora alguém tenha querido negar a sua grandesa, e ennegrecer os seus feitos, elle será sempre um grande dia, porque lembra ao povo brasileiro o dia de sua verdadeira independencia.

O Imperador vendo-se só, sem apoio no exercito, sem apoio no povo, sem apoio na sua aristocracia achinçada, no dizer do Sr. Torres Homem, (5) abdicou a favor de seu filho ainda na infancia e retirou-se para Portugal: a magestade espavorida correu á encubrir os seus erros no sorriso infantil de um menino, e o poder foi cahir exanime nas mãos de um homem do povo, no antigo ministro da Independencia!

O throno por alguns tempos vacillou sobre um abysmo, mas o patriotismo e a indole pacifica dos brasileiros o salvou. A' 23 de Julho de 1840 os destinos deste vasto Imperio foram confiados a um jovem brasileiro, e nelle estavam depositadas as esperanças da patria; mas para que a nação alcance este triumpho quantas dôres, quantas lagrimas e quanto sangue!

Neste periodo da Regencia, as sciencias, lettras e artes bem pouco ou mesmo nada ganharam, porque a lucta dos partidos absorvia tudo. Foi neste periodo, que um ministro de estado se lembrou de pedir o encerramento das Academias de Direito!

(5) Timandro.

V.

Em 1840 o Senhor D. Pedro II foi declarado maior; limpou-se o horizonte da patria e a náó do Estado seguiu a sua derrota serena, guiada por pilotos amestrados. Mas em breve se escureceu de novo o Céu, uma nuvem negra offuscou o brilho de nossa estrella e a náó vagou de novo por entre cachopos. O paiz se dividio em dois campos; dois partidos se collocaram em frente um do outro, e para se triumphar lançou-se mão de todos os meios!...

Este estado desanimador continuou até 1852, e durante este periodo de 12 annos, alem de um ou outro facto isolado, nada nos demonstra o desenvolvimento das letras, sciencias e artes.

Em 1852 o partido conservador que se achava senhor de todas as posições, estava forte de mais, e outro partido o liberal, banido das posições descansava das luctas, e cahia em apathia. (6). O Marquez de Paraná, distincto estadista, reconhecendo o posição dos dois partidos, poz-se a frente da situação e fez passar as leis de incompatibilidade e dos circulos facultando assim o partido debaixo poder reanimar-se; ao mesmo tempo, o merito, o saber e a virtude substituiram ao credo politico para o preenchimento dos cargos publicos.

O paiz entrou calmo e reflectido nas vias do progresso, e as suas antigas luctas só serviram de exemplo para seu futuro caminhar.

Mas infelizmente a morte arrebatou-nos o grande estadista antes de concluir a sua missão, e os homens que depois d'elle tem se achado a frente da administração não tem sabido comprehender a situação.

Os homens de outr'ora já estão gastos, já não servem; é preciso que elles cedam o lugar aos moços.

De 52 para cá o nosso progresso material tem sido grande, mas quanto ao moral será o mesmo? Não.

É preciso que os governantes cuidem com attenção para esse ramo de pros-

peridade da Nação, porque sem elle nunca ella será grande. É preciso que o povo seja instruido: a ignorancia companheira inseparavel do despotismo não pode servir de base aos governos depois livres como o nosso, aonde só o povo é soberano. É preciso pois, que elle seja instruido para poder conhecer os seus direitos, saber exercel-os e não servir de juguete aos ambiciosos, intrigantes e improvisados estadistas, que promettem e juram na vespera fazer aquillo que combatem no outro dia: o que sustentam na opposição combatem no poder!

O Brazil está na adolescencia, elle caminha calmo e reflectido; os seus homens politicos parecem dispostos á discutir antes as grandes idéas, os principios do que as individualidades. Agora talvez mais que nunca precisamos de um estadista firme, sincéro, e probo que tome sobre si a ardua tarefa de reformar os abusos e mesmo os nossos codigos. Para isso faz-se mister tambem que os eleitos do povo sejam homens de principios politicos, de convicções sincéras que guiem-se antes pelo patriotismo, do que pelo interesse particular, que infelizmente tem nos levado á este estado de descrença, que partindo de cima tem chegado até as massas. Deos queira que essa mocidade intelligente, que sáe das Academias seja sempre crente, e incorruptivel!...

O progresso moral principia agora á apparecer, o povo já olha com mais attenção para as letras, para as sciencias e para as artes. Agora cumpre que os homens, aos quaes está confiado o nosso futuro saibam comprehender a situação e dar impulso ao movimento que se nota em todo o paiz: esses serão verdadeiros estadistas, e bem merecerão dos contemporaneos e da posteridade.

A politica já não deve absorver tudo, porque se o paiz necessita de uma reforma, essa reforma deve ser completa, e não como outr'ora o triumpho das tendencias monopolisadoras de uma facção.

O estado, como diz Lermenier, é a

(6) Palavras do Sr. Marquez de Paraná.

harmonia de todos os elementos sociais: sendo assim a industria, as sciencias, as artes e as letras formam esta harmonia; o poeta, o philosopho, o sabio e o artista são tambem grandes representantes dos estados—no perpassar dos seculos compulsando a historia dos povos, que tem occupado os primeiros lugares na marcha civilisadora da humanidade encontrareis essa verdade. Quereis estudar os usos, os costumes, o gráo de civilisação de um povo, a sua philosophia e mesmo as suas instituições? Estudai a litteratura desse mesmo povo; estudai os seus soterrados monumentos, porque alli e aqui encontrareis todos os traços de sua nacionalidade e de sua civilisação. Enunciando esta verdade não fazemos mais do que repetir as palavras de illustres escriptores.

É tambem tempo de despertar a nossa patria, que dorme o somno do indifferentismo no berço de suas necessidades, embalado pelos hymnos sarcasticos do industrialismo europeu!

Não somos do parecer daquelles que julgam que o governo pode tudo, e que cruzam os braços e esperam! Deos nos livre que todos os nossos compatriotas assim pensassem!...

O governo pode facultar-nos os meios, mas depende de nós muito esforço para realisarmos os fins. E o melhor meio que o governo tem ao seu dispôr—é a boa educação do povo por intermedio de uma sabia instrucção. Instruido o povo elle saberá apreciar as obras do seus concidadãos porque—como diz Garrett—é preciso entender para apreciar e gostar.

Em que coração não baterá o amor da gloria?! Qual será o sabio, o poeta, o orador, e o artista que ouvindo as aclamações de um povo, que o cobre de gloria, não se esforçará para chamar sobre si a attenção do mundo inteiro?!

Instruí o povo! Instruí o povo! Eis o brado altivo, eloquente e constante da mocidade, de quem a patria tanto espera. Sim, instruí o povo, senhores da governança porque então elle saberá comprehender os seus deveres, já esco-

lhendo homens dignos de represental-o, já alliando a ordem com a liberdade, já animando os homens a trabalhar e sabendo recompensar os seus trabalhos.

Sendo o homem um composto de espirito e materia, forçosamente tem necessidade do elemento substanciador do espirito, que é—a gloria, e do elemento substanciador da materia, que é—o pão.

Infelizmente em nossa terra o litterato era a bem pouco tempo considerado como um tólo, como um pariaá!!...

As suas obras, lá ficavam ignoradas nas estantes dos livreiros, porque logo que não fossem papelinhos politicos recheados de descomposturas, sandices, e tristissimas questões individuaes, aonde os contendores podessem manejar livremente a arma bigumea do insulto, não tinham extracção.

Ainda hoje é uma triste verdade, que grandes jornaes, que se dizem orgãos de partidos, com raras excepções cumprem a elevada missão do jornalismo, porque em vez de discutirem—as idéas—discutem as individualidades; em vez dos principios—os interesses; em vez de instruir e moralisar o povo, elles o pervertem muitas vezes com o exemplo de corrupção!

Deixemos este incidente.

As letras cada vez ganham mais terreno, graças aos esforços denodados da mocidade. Si ella mais não faz, é por que não tem quem a guie com passo firme; ainda assim tem feito muito! As provas estão bem patentes.

Quanto a sciencia não estamos tão adiantado, não só porque ella necessita de mais reflexão e mesmo de mais sacrificio, como tambem porque o governo nada tem feito, ao menos que sirva. As nossas Academias, apezar das continuas reformas porque tem passado, ahi estão reclamando proficuos melhoramentos.

O estudo precisa de mais incentivo e de mais liberdade. As bibliothecas necessitam de livros (7) que facultem aos

(7) Refiro-me com especialidade a bibliotheca da Academia de S. Paulo, que é composta quasi de alfarrabios legados pelos frades e pelo 1.º Director.

jovens pobres os conhecimentos necessarios, que ellesahi devem encontrar, ao menos em compensação ao excessivo importe das matriculas. Mas o que fazer si o governo nos diz:—não tenho dinheiro! Bradar, e bradar sempre—reforma!. Universidades! Póde ser que alguém appareça, que poupando mais o dinheiro da nação, em vez de sustentar a milhares de parasitas que ahi vivem á sombra de seus poderosos patronos, empregue-o nesta necessidade tão palpitante.

Além da incuria e indifferença do governo acrecece ainda que grande atraso provém de nós mesmos, porque, como diz o Sr. Dr. João Chrispiniano, «entre nós geralmente não se estuda por amor á sciencia, e sim unicamente como preparação para colher uma posição» (8).

As artes tambem por ora pouco tem ganhado, pois que quasi ninguem quer se dedicar a ellas; no entretanto as Academias scientificas regorgitam de moços. Todos querem ser doutor, e muitas vezes Deus sabe como!.

Muitos jovens que poderiam ser a gloria da Patria como artistas, passam nella ignorados como filhos da sciencia; e sabeis porque? É, porque nossos pais dominados por um orgulho ridiculo, por um prejuizo insensato, não estudam as nossas vocações, essas inclinações instinctivas, que nos arrastam a este ou aquelle fim de sermos honestamente uteis no mundo, e nos obrigam muitas vezes a seguir outra carreira que elles julgam muito nobre, e na qual muitas vezes nos perdemos.

Entre nós despreza-se a condição do artista como si o renome que se alcança por meio do trabalho não fosse sempre honroso e até mesmo precursor de grande gloria!.

Certificai-vos que mais vale um artista coberto de glorias—um genio—do que uzurarios baronetes com suas *burras* recheadas de ouro, do que doutores, diplomatas e estadistas mesquinhos.

Saibam aproveitar os talentos que te-

remos grandes homens em todos os ramos dos conhecimentos humanos.

Talentos, temos nós bastantes; quem os saiba comprehender e estimar, é que nos falta!...

S. Paulo, 2 de Abril de 1859. (9)

Rangel Pestana.

POESIAS.

A SOLIDÃO.

E' tão doce esta vaga saudade,
Na solidão das montanhas colhida,
Para quem entre mil tempestades
Transitou pelos campos da vida!

(A. HERCULANO.)

I

Como a paineira é formosa
Florida toda, mimosa
Co' as flores de rosea cor:
Com suas flores singelas
Como essas flores são bellas
No desmaiado rubor
No meio desta espessura,
Que guarda tanta doçura,
Que falla tanto de amor.

Eu gosto na capoeira
Debaixo desta paineira
A' tarde vir-me sentar;
Eu gosto deste trinado
Do sabiá magoado
Eu gosto desse cantar;
E da rolinha o gemido
Tão meigo, brando, sentido
Eu gosto desse arrular;

Eu gosto destes cantores;
Eu gosto destes verdores
Dos ermos na solidão,
Da doce melancolia
Quando á tarde morre o dia
Destas brenhas n'amplidão;
Eu gosto desta linguagem
Que vem-me doce n'aragem
Que falla-me ao coração.

(9) Este artigo foi escripto o anno passado, como somos daquelles, que preferem queimar á emendar, por isso o publicamos com a mesma dacta.

(8) Iris, N.º 3.

Eu gosto das avesinhas
Alegres, innocentinhas,
Que nos ares vem, e vão ;
Eu gosto desta harmonia ;
Nas horas frouxas do dia,
Do seu palido clarão ;
Do ermo tudo eu anhele
Porque nelle tudo é bello
Tudo falla ao coração !

II

Como é doce esta frescura,
Como é bello este logar,
Que maior, maior ventura
Do que nelle vir seismar !
Como é bello vêr o rio
Com seu brando murmurio
Pelas margens se escoar !

Que bella tarde fagueira,
Que puros ares estão
Como é linda a capoeira
Pela tarde em solidão !
Como a paineira é formosa,
Dos ermos filha mimosa
Que de flor alastra o chão !

III

Rôxa filha dos ermos querida,
Oh Saudade, que é bello teu lar !
Quem me dera contigo esta vida
Neste ermos sosinho passar.

Quem me dera, saudade querida,
Só nos ermos contigo morar,
Que eu pudesse as memorias da vida
Uma a uma seismando acordar.

Só nos ermos seismando saudade
Quero os males da vida esquecer
Quero — longe do mundo a maldade —
Só contigo, saudade, viver.

E que importa que o mundo se acabe
Se já ha muito p'ra mim se acabou !
Que me importa, se a vida mal sabe
Onde a vida co' as dôres casou !

Que me importa se o mundo inganosa
Soé no riso serpente esconder !
Só dos bosques a vida é gostosa,
Só dos bosques é doce o viver !

Só nos ermos contente se vive
Só nos ermos não ha illusão
Flôr da vida nos bosques revive,
Oh ! que amavel tu és, solidão !

Ai saudade, saudade querida,
Vem comigo sósinha morar !
Quanto é grato as memorias da vida,
Meigos sonhos da vida acordar !

IV

Como é doce esta mudeza
Que a gruta encerra — sem par !
E' bello além avistar
A serra desta deveza,
Do sabia no gemer
Como é doce esta tristura,
Que nos seios da ventura
Me faz langue adormecer !

Nestas sombras debruçado
Como é doce vir seismar,
Sem querer tambem sonhar
N'um dormir bem acordado !
Quanto é bella esta soidão
Com seu florido cortejo
Oh ! quanto é doce este beijo
Que me imprime a viração !



Quero muito a capoeira
Porque nella não ha dôr,
E quando o sol se vai pôr
Sonhar quero a tarde inteira !
Amo quando morre o dia
Da folhage' o rumor vago,
Amo estes sonhos que afago ;
Amo esta melancolia.

Quero muito esta palmeira,
Nella o vento a sybillar ;
Já baça frouxa a brilhar,
Amo esta luz derradeira ;
Amo o canto á juruty
Meigo, terno, indefinido,
Solitario e esquecido
Quero muito a vida aqui !

Quero muito esta paineira
Que de flor alastra o chão ;
Quero a doce solidão ;
Quero a doce capoeira,
Do sabia no gemer
Eu quero a doce tristura,
E nos seios da ventura
Suspirando adormecer !...

F. Quirino dos Santos.

Eu, vi-a...

Eu vi-a scismando no enleio suave,
 A meiga donzella
 Tremião-lhe as tranças ao beijo fremente
 Que dava em suspiros a brisa demente
 Por vê-la tão bella.

De magos encantos prendida minh'alma.
 Sem vida fiquei
 E a virgem formosa no seu devancio
 —Pagão— adorei!

E ella—tão triste não via que estatico,
 Prostrado no chão—
 Levitha de amor lhe rendia homenagem
 Desfeita á seus olhos a frigida lagem
 Do meu coração!

E estava tão linda—nevados os seios
 —Na fronte o pallôr!
 Envolta nas candidas vestes do pejo
 Archanjo de amor!

Quem visse absorta a scismar em tristezas,
 A virgem de Deos.—
 No peito sentira magoado tormento
 E a vida daria bebendo um momento,
 Perfumes dos céos!

Eu vi-a... e encantado dos ares divinos
 D'aquella visão,
 Feri no alaúde umas notas incertas,
 De terna expressão!

« Ai virgem—lhe disse—tristezas que tens,
 Tão doce magia,
 Calarão no peito do vate infeliz
 Que dando-te um throno por sobre as huris
 Tem santa heresia!

Segredos da scisma que a alma embalou
 Quem dera saber?
 Quem dera p'ra mim esperança ditosa
 Divina mulher?

Na relva mimosa da verde campina
 Esteira d'amores
 Durmamos unidos bem junto o amarantho
 Não tardes... a lyra do bardo tem cantos
 Que sangrão de dores! »

A virgem ouvindo taes fallas sentidas...
 Que olhar que me deo!
 Quebrando scismares nas tranças compridas
 O pranto escondeo!

E assim tão chorosa ella via que estatico
 Prostrado no chão
 Levitha de amor—lhe ren lia homenagem
 Desfeita á seus olhos a frigida lagem
 De meu coração!

*Americo Lobo.***A' tarde...**

Doce crepusc'lo desmaiava incerto
 Quando os teus labios me disserão—sim!
 Quiz dar-te louco n'um furtivo beijo
 Todo esse amor que transbordava em mim!

Ligeira e leve me fugiste então
 Nem te moverão os meus ais doridos—
 Do valle amigo—enternecidos echos
 Sós se casarão com os meus gemidos!

Embalde eu li naquelle olhar extremo
 Que tu me deste—compaixão por mim!...
 Nem mais um riso illuminou-me a fronte
 Que foi fingido o teu meigo sim!

E quando busco tua imagem ainda
 Me foge sempre tão gentil visão
 E eu vago triste desejando um goso
 Que neste mundo não terei, ai, não!

*Americo Lobo.***A' um poéta.***(DR. FERRAZ DA LUZ.)*

Cantor de inspirações a ti meus versos,
 Meus hymnos, e meus ais—
 Tão tristes—tão sentidos—tão chorosos
 Soluços immortaes!

Conviva sem amores nem prazeres
 Este dia feliz
 Eu venho escurecer qual leve sombra
 As cores do matiz!

Mas que importa uma lagrima entre rizos
 —Um pranto no festim?
 No meio dos prazeres se ouve um grito...
 O mundo vae assim!

Liguemos n'um abraço sempre estreito
 As almas fraternaes—
 —Irmãos— resurgiremos entre angustias
 Ditas que não são mais...

Ai tu irás colher nos verdes annos
 As lembranças do amor
 E me soletrarás em lettras d'oiro
 A vida do cantor.

A mocidade florida p'ra uns
 P'ara outros infeliz
 Corre as vezes perdida nas delicias
 Dos seios mulheris!

E se não quebrou-se ainda no teu peito
A corda da paixão...
Vibremol-a... bem triste e sequioso
Será o coração !

E eu que vivo cantando minhas magoas
E choro o meu paiz—
Talvez meu Deos esqueça por momentos
O que a alma me prediz.

Sou tão jovem saudei hontem apenas
O raiar do arrebol
Oh— porque de infortunios e tristezas
Annuvia-se o meu sol ? !

Bem presas n'um abraço sempre estreito
As almas fraternas—
Irmãos—resurgiremos entre angustias
Ditas que não são mais !

Americo Lobo.

A uma rola.

Em tuas azas discretas
Minha alma quero entornar
E o mysterio desta vida
Em que me sinto abraçar !

(MENDES LEAL JUNIOR.)

Oh bella rolinha,
Que sempre tristinha
Nesta arvoresinha
Costumas pousar,
Quando copioso
Tão mesto e saudoso
Meu pranto amargoso
Me apraz derramar ;

Oh meiga avesinha
Na linda mãosinha
Qual neve branquinha
Vae leda pouzar ;
Vae, leva um suspiro
E as notas que eu tiro
Cá neste retiro
Da lyra a chorar ;

Vae, dize, rolinha,
Que eu sempre a tardinha
Comtigo sosinha
Costumo a casar
Teus magos gemidos
Co'os sons doloridos
Que eu venho sentidos
Da lyra tirar ;

E dize o tormento
Que neste momento

Meu fado sangrento
Me faz devorar,
E dize-lhe a vida
Cruel, denegrida
E os ais que a ferida
Minha alma vem dar ;

Que eu sinto meu peito,
As magoas affeito,
Da dor contrafeito
D'infundo penar
E dize a saudade
A negra anciedade
Que nesta soedade
Me vem traspassar.

Vae, conta-lhe asinha
Que eu sempre a tardinha
Contigo sosinha
Costumo me achar,
Que eu digo meus males
Aos montes aos valles
Lhe dize não cales
Sem ella chorar.

Se então dolorida
Já mais commovida
Das chamas que a vida
Me vem abraçar ;
Com o que lhe disseres
Se tu lhe tiveres
Movido e poderes
Seu peito abrandar ;

Se a lagrima ardente
Que amor inclemente
Faz fero e frequente
Dos olhos brotar,
Se a lagrima eu digo
Quando ella comsigo
Scismar so comigo
Seu rosto orvalhar

Se a virgem formosa,
Já então lacrimosa,
Meus males piedosa
Tambem partilhar ;
Com a face rosada
Tão terna ' inclinada
Na mão delicada
Se a bella chorar ;

Se assim coitadinha
Te ouvir, oh rolinha,
Na breve boquinha
Tão pura sem par
Oh dá-lhe um beijinho
Na bella, no anjinho
E vem passarinho
Vem ca me contar.

Fevereiro de 1859.

F. Quirino dos Santos

S. Paulo.—1860.—Typ. IMPARCIAL.